

Cultura e Liberdade (*)

Prof. JOSÉ SOBREIRA DE AMORIM

(Docente de Direito Romano)

Esta solenidade legal, com seu ritualismo, confirma oficialmente vossa investidura intelectual, que a tanto vos erigiu a tenacidade fecunda, cujos galardões se ostentam no título de bacharel que sobraçais, como panóplia de vossos esforços no consolidar conhecimentos culturais.

Momento é este em que se identificam aquêles anelos, concebidos uns, na tecitura delicada e formosa das ternas esperanças; outros, já de certo modo assinalados pelo sofrimento ou pela necessidade; uns e outros, todavia, ora exaltados com a majestade desta cerimônia, suave calidez de emoções irreprimíveis.

Os abraços, que logo receberéis, no enternecimento grácil de risonhos corações, na seriedade acolhedora da maturidade ou da experiência cismadora, daqueles que se vos unem por líames da estima e amizade, dos vossos mestres de ontem, hoje vossos colegas ufanos, de vossas famílias, de vossos amigos ou conhecidos, serão confortadoras homenagens de afeto e admiração inexprimíveis, consagradores do mérito.

Ardeu bem vivo e duradouro o lume de um ideal em perspectiva desvelada, e, se vacilou talvez no extenso palmilhar

(*) Oração de Parainfo proferida na solenidade de colação de grau dos bacharéis em Ciências e Letras da "Turma Andrade Furtado", da Faculdade de Filosofia do Ceará.

convicção que vigoriza, não permitiram de certo as energias purificadoras se extinguisse jámais em vossas almas o entusiasmo combativo dessa coragem sempre renovada na resistência vitoriosa.

Não conseguimos, sem duvida, abranger em sua totalidade o painel das realizações cometidas, mas é de justiça promover a exaltação da vossa aquiescência generosa, da dedicação comprovada, do labor inflexível e sem termos, do que destes demonstrações exuberantes, na trajetória curricular.

Explica-se, destarte, a confiança que todos temos no vosso labor eficiente, em qualquer esfera de atividade social e profissional, que diferente não seria o crédito de serviços assim tão prestimosos nesse laureado pelejar da inteligência.

É mesmo de jovens fortes, valorosos até o heroísmo, de corações heris, de espiritos poderosos, de vontades que jámais claudiquem, de almas retemperadas de bondade e altaneria, de probidade e vigilância, apaixonadas pelo ideal da justiça, da caridade, da perfeição, é de jovens assim revestidos de reverente nobreza e de energias imponderáveis que está necessitando o Brasil não somente, mas toda a comunidade humana.

Quantas vêzes temos meditado sempre que se viu aso oportuno, sôbre a nossa posição dentro das condições ambientais contemporâneas na comunhão nacional e internacional, tantas outras se perturbou nosso espírito em reações confrangedoras, pelos conflitos ecológicos que confirma, pela estenose marasmática das universais tendências éticas, pelo deperecimento sem proporções das responsabilidades, num tumultuar de comoções pungentes e reconhecidamente desnor-teadoras, que estão a exigir afirmações eficientes, prontas, definidas, daqueles em cujas mãos se vai depor a formação intelectual e moral de seus semelhantes.

As Faculdades de Filosofia, cujo currículo disciplinar

abrange todos os ramos do conhecimento, na homogeneidade de sua organização metodológica, visam a criar no espírito o amor da investigação, visam a renovar, aperfeiçoando, a cultura de âmbito orgológico e espiritual, nas diversas secções de sua complexa estruturação orgânico-sistemática, num revigoramento promissor de valores, operação pela qual se poderá resguardar a tradição cultural e desenvolver, com debuxos sempre novos, a dimensão do saber humano.

É esse criterio cultural de globalização de disciplinas funcionalizadas pelo amor da pesquisa, que lhes dá o privilegio de serem elementos indispensaveis à criação das Universidades.

Vós, bacharéis em filosofia, vós, matemáticos, vós, historiadores, vós, geógrafos, vós, linguistas, vós todos apaixonados das ciências filosóficas, históricas, matemáticas dialegmáticas, generalizando ou especificando, bem compreendesdes que a mente se amesquinha, aniquila deploravelmente com a repetição rotineira ou com a fixidez cômoda de atitudes intelectuais conclusivas imediatistas, visto como é proprio do ânimo varonil aspirar à perfeição, indagar da verdade suprema pelas questões que incessante e progressivamente afloram à curiosidade sempre insatisfeita com essas respostas fugazes, insuficientes, parciais, dedução que facilmente se infere, tanto no diuturno manuseio das respectivas literaturas objectivas ou subjectivas, quanto na crítica posterior a essas produções do engenho humano.

É a batalha do espírito sedento e curioso, rebelde ou pacífico ou conformista, desde o mais remoto problema formulado sobre a natureza, sua origem e governo, com espaciais discussões ou parecbases através de racionalistas ou empiristas, nominalistas ou materialistas, monistas, mecanicistas, intellectualistas e tantos mais, com soluções, interrogações chocantes ou surpreendentes que entusiasmam e por vêzes desco-

roçam; desde as concepções de ordem metafísica às científicas, morais e sociais de hoje, quando a filosofia — que traduziu sempre o conceito do homem segundo uma concepção de vida e universo, que sempre orientou e conformou o pensamento de todos os tempos, refletindo-se em todos os departamentos de nossa atividade intelectual — vem se caracterizando pela rejeição de atitudes simplesmente retrospectivas de mera reprodução, focalizando questões de metafísica inexperimental, de peregrinação fenomenológica, de intuicionismo de um transcendentalismo Heideggeriano, pondo em evidência perspectivas tais e tamanhas cuja metasiotaxia torna-se fastidioso agora representar.

Enfocando esse binômio: Natureza-Espírito, onde se exprime o que existe por si, não criado ou modificado; ou aquilo que se revela no homem caracteristicamente específico, exclusivo, peculiar, a filosofia vai equacionando conhecimentos especulativos, subjecionando relações com as demais ciências, cujas questões fundamentais lhe interessam todas.

Desta sorte a tarefa da inteligência confere-se na conjuntura de ações e reações entre o **sujeito criador** e os **objetos culturais**, em percepções energéticas, sob processos de conhecimento científico-filosófico.

Seria, sem dúvida, imperdoável ingenuidade supor que a certeza absoluta está destinada a se fixar definitivamente no momento que se vive.

Problemas tentadores continuam a nos provocar, como êsse da epistemologia, de há pouco, que, já agora, assume nova forma sob elaboração de uma doutrina psico-sociológica do conhecimento. E apesar do gigantesco esforço humano, há questões que resistem como um **desafio a contendores** incógnitos.

Vós, matemáticos, bem o vistes, desde o próprio saber dedutivo ou raciocínio matemático, do problema da relação das

ciências matemáticas com a realidade objetiva, ou destas ciências consideradas segundo a logística, ou de conceito subjetivo e abstrato na doutrina do intuicionismo filosófico.

Vós, historiadores, bem sentistes, entre as concepções naturalista, teológica ou metafísica da história, ou suas tendências lógicas, metafísicas e gnoseológicas; desde a conceituação da história descritiva do substancial ou do formal, às posteriores afirmações de elementos objetivos, sob a inferência de julgamentos de valor, porquanto, incontestável a extensão da história científico-filosófica, mediante a qual chegamos a perceber os conseqüências de nossa evolução no tempo, num sólido liame da metafísica e da antropologia cultural, ultrapassando-se destarte os lindes da própria temporalidade.

Vós, geógrafos, bem verificastes, desde a própria delimitação científica dessa disciplina, não apenas na esfera da Geografia comparada, como da Geografia política, no esclarecer distinções e divisões estabelecidas nas organizações e convênios humanos, ou nos particularísimos arcanos da geomorfogenia

Vós, linguistas, desde a antiga sofística, no estabelecer relação entre o conteúdo lógico e a contextura formal da gramática, ou entre pensamento, linguagem e sentimento, ou na compreensão dos objetos ideais e reais, do simbolismo material e da linguagem convencional, perspectivas tôdas que se vão tangenciar isomórficas para os contêrminos lógico-psicológico-metafísicos.

As questões, porém, que vemos suscitadas através de todo o patrimônio cultural da humanidade, as afirmativas consentâneas ou contraditorias, as opressivas dúvidas e as rebeldias temerárias, longe de atemorizarem, de obstaculizarem, sejam emulação consideranda para o batalhar incessante do espírito intemorato na perquirição da verdade.

Cumprindo um imperativo das necessidades humanas e

um dispositivo constitucional, vós, já no limiar da investidura de licenciados, ireis, por ventura, trabalhar numa esfera de atividades com predomínio do traço comum dessa cultura geral desinteressada e superiormente humanística, em que se evidenciará a suprema importância de vossa formação intelectual.

Não sei se encontrareis sempre atmosfera necessária às renovações exigidas, nesse tentame de plasmar caracteres, de iluminar inteligências, de orientar vontades, de vitalizar espíritos, na coincidência da idade adolescente com a perpendicular espiritual na decisão da existência, em agrupamentos mixigenados de biogênese vária.

Ireis formar ou conformar hábitos intelectuais e volitivos nessas almas de feição bio-psíquica maleável, em fase de transformação, em que o real tenta subverter o ideal, o caráter formativo se vê ameaçado pelo sentido utilitarista de singulares e por vêzes atrabiliárias concepções de vida, o ideal humanístico é acossado pelo imediatismo realista e absorvente, num círculo que se consubstancia pela continuidade cultural, e que muito exige de nossa dedicação quanto à sua finalidade próxima e remota.

Ireis preparar gerações futuras, e dentre estas, aquelas que, como vós, agora, se destinam a elites dirigentes nessa órbita de maior significação do sistema educativo, num país ainda em formação, cuja cultura continua a inspirar-se, quando não a imita ou reproduz, na cultura estrangeira.

Iremos principalmente formar homens de cultura e modelar a seleção dos mais aptos ao soerguimento técnico-cultural do país, como realidade material e espiritual.

Sentireis, por ventura, ameaçada vossa autoridade, desprezados vossos interesses financeiros, exiguas vossas possibilidades econômicas, mesquinho o equipamento bibliográfico, medíocre a compreensão no vosso idealismo, diversa e por

vêzes incoerente a necessidade de compreensão, duvidoso o interesse cultural, acanhada a tendência de cooperação, discutidas vossas atitudes de humanitarismo, incompreendido vosso desejo de perfeição.

Iremos, sobretudo, meus amigos, trabalhar numa sociedade sobre a qual pesa, de envolta com tantos elementos negativos e contraditórios, um profundo sentimento de pessimismo, de angustia, incompreensão, de egoísmo astucioso, de alheamentos perturbadores.

Não sentimos, apenas, a negação do mérito, do bem, da verdade, da honradez, em si, o que nos oprime é uma coação contra os detentores mesmos desses elementos predicamentais.

Constricção contra os bons, os honrados, contra aqueles que se mantêm na liça das atitudes definidas, das linhas retas, das palavras claras, em favor de outros para os quais o desequilíbrio é a norma retilínea, o ziguezague é a trajetória por excelência, o furta-côr, impreciso e dúbio, a representação ideal e peculiar de seus trejeitos morais.

A's vêzes, assalta-nos como um pesadelo a impressão de que estamos desnorteados, num ponto avançado dessa jornada terrena, pés feridos, mãos sangrando, exaustos, desesperançados, onustos de pesares num cintel de atribulações... E os ideais? Sufocados num turbilhão de angústias. E as esperanças? Bandeiras ao vento esfarrapadas...

Objetar-me-eis que tais apreciações representam um paradoxo. Paradoxal, porque jámais a comunidade — em suas exações materiais — se viu contemplada de maneira tão exuberante pela inteligencia humana.

Então, que diríamos dos avanços extraordinários da técnica? O infinitamente pequeno se desvenda; a televisão retrata ausências; simples fragmento de cristal tornou-se dominador da amplitude universal; a psico-galvanometria, as

reações físico-químicas desvendam o subconciente; o carbono, o cloro, o nitrogênio, o oxigênio produzem-se nessas transformações estupefacientes, do interatomismo e a fotosíntese; a física nuclear domina-se pela superação humana; afinal, a ciencia coloca em nossas mãos tudo o que poderimos imaginar de realizações fantasticas, de comodidades inacreditaveis que há pouco pareceriam aspirações illusórias da imaginação superexcitada; quando a propria fisiologia do coração se altera, prevendo-se a prorrogação da vida humana, quando o poder inventivo do homem nos deixa perplexos, quando as criações científicas de ordem primaria ou secundaria precipitam-se com tamanha celeridade que já nos parece difficil apreender todos os grados mínimos parciais dessa ectasia avassaladora.

Realmente, meus amigos, não deixa de ser paradoxal ter tudo e padecer, sentir-se privado, tolhido, no extravasamento de tamanhas liberalidades técnico-científicas.

Sofremos no Brasil a consequência próxima de transformações sociais, econômicas, culturais de que padecem as demais nações, maxime após a última guerra, numa inquietação ondulatória de agitações, desalento, inconformidade, tormentos morais.

Vontades que se desfibram, espiritos que se confundem, verdades que se atraçoam, valores que se desvirtuam e esfacelam.

Dir-se-ia que êsse galileu redivivo tateia com ansiedade à procura da lei do isocronismo de suas tendências humanas.

A antropocentralização individualista não se apercebeu dessa eutanasia agnóstica que a envolvia sutil, com desprezo da necessária heautognósia com que se afirmasse o conhecimento da alma, do coração, o aperfeiçoamento ético.

Decorrência clarividente dessa negligência, escapa ao homem a disciplina interior, essa capacidade de discernimento

racional, essa convicção moral indispensável, êsse sentido das responsabilidades, essa compreensão do exato conceito de liberdade, de cooperação extensiva em função da solidariedade necessária pela exaltação dos valores humanos.

E o homem? aquêle Narciso enamorado, que se aniquila e desfalece, estasiando-se ante a propria imagem, na perplexidade ingênua de sua vaidade material!

O problema da angústia constringe o homem — categoria espiritual e moral ou natural e biológica — quando lhe falta o ideal ético, norma necessária para sua orientação existencial e humana, e, sobretudo, princípio fundamental da seleção de capacidades dirigentes.

O anseio de liberdade espalhou a velas pandas dogmas fascinantes de igualdade absoluta, marginando-se, todavia, o correspondente aperfeiçoamento da consciência, — êsse juiz austero e persistente — porque à liberdade moral interessam todos os comportamentos positivos ou negativos na órbita dos objetivos humanos, em função de seus padrões culturais.

Como gavinhas primeiras, é o problema moral pavês subjacente a todos os demais, visto como os comportamentos humanos de âmbito econômico, político, legal, consuetudinário, as realizações de plano cosmonológico interdependem-se nos fatores éticos que conformam a mentalidade, em seus devidos limites, diante das responsabilidades, pois toda atividade racional pressupõe reflexão e esta se produz, se efetua, se realiza, à luz de orientações doutrinárias consequentes.

Daí porque o direito tem sua correspondente nos deveres, nas obrigações morais, como as responsabilidades se funcionalizam pela consciência, segundo a visão que formulamos do mundo e da vida, e não se subordinam a teorias infra-estruturalistas, numa autêntica anamorfose.

É tendência do direito realizar o ideal da consciência honesta e livre. O direito - disciplina ético-normativa, enraiza os

seus postulados em conseqüências deontológicas e êste seu predicamento — substancia consciente, decorre evidentemente do processo de subordinação das inclinações, tendências, interesses, ações aos princípios universais do justo, de que se conforma filosoficamente a justiça jurídica, como força especificamente coordenadora da natureza exterior dos padrões de comportamento.

O reconhecimento das relações éticas desenvolve proporcionalmente o sentido da liberdade e procedente autonomia do sujeito moral. Poder, querer, discernir e suas recíprocas, eis a percepção concreta de nosso caráter personativo, justificando-se o conceito representativo de sujeito, espírito, pessoa.

Por isto, as proposições materialistas evidenciam-se improficuas na satisfação das substanciais exigências humanas. Não encontrariamos solução satisfatória somente em seu aspecto material, objetivo, imediatista, quantitativo, admitindo-se a superação do subjetivo energetico, que o utilitarismo ultrapasse a generosidade, que a quantificação sufoque a personalidade, em sua valoração, em suas exações de sentido notóriamente qualitativo da vida.

Sem a necessária formação moral, que faz o homem da liberdade, senão desfigurar-lhe o legítimo conceito, e ater-se às tendências instintivas, às vêzes de ordem psico-patológica, num desajustamento ante a exata noção de responsabilidade?

A economia mental, é verdade, poderá ser susceptível de valorizações materiais, visto como o útil se enquadra na realização de elementos objetivos do ideal, do transcendente, absorvendo tempo e energia. Mas a economia subjetiva, o valor interno plasmador das criações e manifestações ideais, dentro da funcionalização ativa do sujeito sobre o objeto, revela-se de plano incomensuravel, donde essa ilação da impossi-

bilidade de submissão dos valores espirituais às aferições materiais.

Somente essa quantificação da vida justifica a necessidade material do regateio fácil da dignidade enlameada que venaliza consciências!

Materialismo e naturalismo subordinaram epifenomenicamente fatos de consciência às valorações fisiológicas; ou fizeram que o conhecimento se absorvesse no experimentalismo, levando-nos a essa afirmativa improcedente de que a virtude, os méritos, decorrem necessariamente das reações biológicas.

Nega o nominalismo os valores objetivos dos princípios ideais; o autonomismo subjecciona êsses mesmos princípios; e o determinismo cosmo-psico-fisiológico, em sua contiguidade necessária de fatos e atos humanos supera, anulando, quaisquer afirmativas de ordem espiritual, anímica, personativa.

Que poderia resultar da credulidade em tais sistemas?

Sejam essas as nossas convicções intelectuais, como animai-nos a ostentar cultura num evidente contrassenso?

Se materialistas, onde a crença no que refoge aos sentidos? Se naturalistas, como acreditar na superioridade ética das ações humanas? Se deterministas, como afirmar a eficiência do trabalho criador, das realizações estéticas, do livre arbítrio? Afinal, se êsse é o modo de entender o mundo e a vida, como crer na solidariedade humana, como alimentar ideais, como ter fé, como admitir a necessidade de cooperação, como ver no homem nosso semelhante, como justificar a personalidade humana, como acreditar no direito e na justiça?

Oh vós que tudo submeteis à concepção objetivista e aos laboratórios do experimentalismo científico, num astigmatismo exclusivista, dizei-me se já pudestes, por ventura, dissecar a fé, a caridade, o amor, a dignidade, o perdão, se já pudestes

corporificar verdades metempíricas, ou a natureza dêesses graus sutilíssimos e imperceptíveis do afeto que une corações em laços invulneráveis de fidelidade, se já pudestes, por ventura, dissecar os axiomas morais dignificantes da vida?

Lealdade, justiça, amor, gratidão, dignidade, tudo é imamente à fé, e fé é confiança na verdade, e verdade, é vida, e a vida, uma vez dissecada, esquematizada, já não será mais vida para representar apenas, no delineamento rígido das expressões materiais, um esqueleto, que, desprovido de músculos, veias, artérias, olhos, coração, deixou de ser vida para se tornar exclusivamente numa dorida e inexpressiva interjeição da mesma vida humana retalhada em seus accidentes, despojada de sua substância insuperável.

Dir-me-eis ser impossível regenerar-nos pelos sentimentos morais, se a moral, na voz de taumaturgos eminentíssimos, tem sido ensinada há tantos séculos, e os homens continuam a corromper-se?!

Como proclamar lealdade, se esta persiste como vacuidade dolorosa? Como defender a verdade, se as palavras se desnudam de seus sentidos na metáfora irracional da inani-
dade e da mentira?

E como dizer que temos cultura? É, por acaso, cultura, a infidelidade, a felonía, a astúcia, a lisonja, a simulação, a má fé, a falcatrua, a irresponsabilidade, o servilismo de interesses materiais, a ciência egoísta e desumanizada?

Desequilibraram-se as coordenadas dos valores materiais e espirituais, estéticos e morais. Escravo da natureza, o homem alardeou falazmente o predomínio da cultura humana, padronizando-se, contudo, em delimitações egocêntricas.

Não admira, até se explica, que tenhamos margeado o conhecimento de nós próprios em que pese à decantada máxima socrática.

Nossa atitude intelectual, historicamente, foi a de olhar

primeiro as longinquas paisagens, antes dos elementos em derredor. Por quantos séculos se estudou o mundo físico em sua natureza, constituição e ordenamento, para elevar-nos a plano superior, o de indagar seu processo de conhecimento, atitude que ainda precedeu às indagações dos modos de viver humano!

Por quanto tempo essa realidade cognoscitivo — racional permaneceu a *latere*. Se a cultura se constitui de produtos da atividade especificamente humana, em seu domínio devem situar-se a moral, a tecnologia, a filosofia, a ciência, a linguagem, tudo enfim que se venha a criar ou modificar pelas atividades do homem.

Os produtos culturais podem decorrer de realizações substanciais ou formais, mas não é o homem-indivíduo que cria essa cultura, sim o seu espírito, no que êste possui de especificidade.

Cultura não é desprezar o conceito formal do espírito; não é subverter o pressuposto filosófico da valoração ética e estética, com superação de um racionalismo exclusivista, de motivações ergológicas. Não é a supressão do sentido ético-sociológico das relações humanas. Não é apenas a compreensão naturalista de formas objetivas de educação, mas o domínio das reações entre o homem e os varios objetos culturais — domínio da natureza, ideal social, bem estar humano, equilíbrio de valores espirituais — sob as características das realidades transcendentais, pois que o homem tende a se aperfeiçoar idealiter, segundo leis de preferência valorativas.

Cultura não é só êsse elemento univoco do cognoscível, se nossas intuições se modificam segundo conceitos mecânicos ou organológicos, segundo conhecimentos ou percepções estéticas, segundo principios de contradição e de razão suficiente, segundo categorizações éticas em seu aspecto formal.

A contextura de nosso patrimonio cultural condicionado

à essência eidética de ser, converte-se em concepções categóricas de atos e fatos aloilógicos, representativos porém do saber essencial.

Os grupos historicamente considerados revelam estruturas culturais adquiridas no âmbito da volição, do pensamento, da intuição, da valoração que neles se destacam como padrões catégoricos, em sua formação durante o processamento de sua educação, funcionalizando-se é verdade conforme determinadas condições sociais e biológicas, mas, enganosa essa concepção naturalista ao pressupor consolidação de gerações sobre seus comportamentos tradicionais engramáticos, numa constância histórica inelutável, não determinando a progressão do espírito informado nas preferências das valorações humanas intuicionais.

Seja nosso conhecimento condicionado à verdade; cubra-se nossa cultura desse véu diáfano da simplicidade corajosa, porque orgulho, presunção, soberba, são exatas retratações de incultura e da inconsciência.

Cultura é a expressão conjunta de todas as produções humanas na ordem material e espiritual.

O conceito do ser, como **ens supremum**, só poderia compreender os demais seres, sob essa analogia de **proporcionalidade própria** de certas semelhanças ou diferenças, ou por **analogia de atribuição** existente virtual entre os seres, por conveniência da extensão conceptuante, o que categoriza a escala de valores não pelo accidente, mas pela substância, atribuindo-se essência, existência, unidade, relação entre o intelecto e a vontade.

O encadeamento de tais ponderações leva-nos à interferência dessa necessidade funcional próxima de elites dirigentes que influam no pensamento, nos sentimentos, na inteligência, no coração.

Saber, no sentido da integração transcendental do co-

nhecimento, na convicção ontológica do supra-consciente, das afirmações ontico-finalistas.

O organicismo desprestigiou a sinergia crítica, transcendental da vontade, do espírito, cujas forças foram convergir no harmônico monadismo de critérios apriorísticos existencialistas, numa formulação pragmática da vida.

A filosofia mantém na sua mesma natureza tendência essencial de penetrar na comunidade, impressionando com sua influência o comportamento social, não provocando marginalizações.

Temos sobretudo a defender uma tradição de lutas e sofrimento. Temos de combater o negativismo da pessoa humana em seus direitos fundamentais. Temos de promover a educação com elementos eutênicos, em função dos quais se erguem as nações ou se deprimem as pátrias.

Diferente não foi o teor de vossos sentimentos, quando, há pouco, perante ilustres autoridades civis, eclesiásticas e militares, perante a Congregação da Faculdade, perante a sociedade, perante a Pátria, prometestes sob juramento **spondeo**, que seríeis sempre fiéis — **semper fidem servaturum**, quanto às vossas obrigações funcionais e aos sentimentos de humanidade — **de officiis et humanitate**, no exercício da profissão — **munere perfungendo**, e que, segundo vossas possibilidades — **proque viribus**, trabalharíeis com o maior denuedo — **animo contenturum magnopere, ad Brasiliae processum** para o progresso do Brasil.

É um legítimo ideal do espírito. Lá está na Declaração Universal dos Direitos do Homem a proclamação peremptória da “fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da personalidade”.

Nossa atitude só pode ser a vertical.

Energia e coragem devem ser dogmas, quando a tibieza,

o desalento, a simples indiferença traduzem insensibilidade moral criminosa.

Degradar do espírito a cultura, é degradá-lo. E este terá sido o primeiro grande avanço para a deformação moral e aniquilamento social.

Vem-nos a tentação de agasalhar a alma sob as asas da quietação indiferente, no afago de doces sonhos, fazendo-a sossegar ao sôpro de uma confiança evanescente.

Como toda tentação, afugentâmo-la.

Não acredito que se consiga o desejado efeito com a simples conclamação do que se deve fazer, quando aliás já existem vanguardeiros empenhados na luta restauradora.

É preciso que, vivendo a substancia das idéias, tornêmo-las ato eficiente.

Não discutimos que a palavra é vida. Mas na complexão acataléptica da sociedade contemporânea, em que a sensibilidade se afirma, se expande, e até extravasa em comoções exacerbadas, a palavra para ser vida, sobretudo para revitalizar, tem que revestir o ato necessariamente.

Seja essa a lei de coordenação fundamental na órbita de nossas atividades sociais e profissionais.

Para que possais ocorrer a essa destinação, não podemos mentir à nossa tradição de cultura, de fé, de sofrimento; não podemos trair a própria consciência. Hoje, mais do que nunca, o exemplo, na cátedra, na sociedade.

É meio de servir ao bem, a cooperação. E, cooperamos, tornando-nos elementos de utilidade cultural.

Esta, aliás, a faceta formal singularíssima do espírito universitário, cuja reação vital se encontra no seu valor corporativo.

Nas Faculdades de Filosofia formam-se elites morais, sociais, culturais e essa corporação e fraternidade de elites será incentivo de reconquista. As realizações de ordem material

social e profissional estão condicionadas às nossas reações nos domínios do pensamento, às conseqüências lógicas de nossa padronização cultural.

A nós hoje não seria lícito firmar convicções num painel de impressionismo fantasioso.

Difícil dizer qual dos dois seria pior: se a fuga ao contato das realidades nacionais e internacionais ou a adesão subserviente a formulações ilusórias.

Aquela fuga será covardia; essa adesão, inanidade; e ambas, por certo, uma traição à nossa consciência e à delicadeza dos problemas circundantes que exigem de todos nós parcela maior de sacrifício.

O itinerário para soluções adequadas está a depender evidentemente da expressão cultural teleológica.

São as elites culturais que hão de arrostar o encargo dessa responsabilidade, ante a obstinação do mundo que uniu especulações ontológicas ou filogenéticas na periferia do ergologismo cultural, em desafio à perspicácia humana.

Se de um lado a ciência nos fustiga dolorosamente com a problemática de seus mistérios ou da inadequação de finalidade objetiva, por outro lado, encoraja-nos, numa superioridade auto-suficiente, que decorre da perspectiva de benefícios imensos dela advindos, tão grandes e de tão profunda significação natural e humana, para ocorrência imediata ao bem estar do homem, em função de duas derivadas necessárias de âmbito espiritual e material.

Se a técnica criou a máquina que simplificou no espaço e no tempo graves problemas de produção, sua recíproca torna-se negativa, ante as questões perturbadoras do consumo.

Criaram-se, é verdade, dispositivos legais de proteção ao trabalho, e se multiplicaram os tribunais de justiça trabalhista, o que não impediu de continuar a luta contra a classe patronal, indo à exacerbação de greves anormais e tradu-

zindo menos preço de obrigações funcionais.

Esteio da economia é a associação ou harmonia entre capital e trabalho: capital-elemento material; trabalho — atividade humana. E repugna criar barreira entre a atividade profissional e a lei moral.

Se ao problema da maquina superpõe-se o do operário, a êste supera na sua especificidade a sistemática da legislação positiva, e a todos a urgência de elites propulsoras de uma resistência contra a depreciação da cultura, cujo desequilíbrio vai perturbar os elementos informativos dos padrões de comportamento.

Cultura pressupõe atmosfera de liberdade e não se permite subjugar pelos bridões de ideologias peregrinas, de marginalização social e espiritual.

À pessoa humana em sua dignidade repugnam os tentáculos da escravidão. Mesmo tolhido, em seus membros exteriores, manietado, mantém o homem independente, ousado, intrémulo o vigor de sua supremacia moral.

Antigos potentados construíram pirâmides gigantescas com o braço escravo. Elas, porém, antes de indicarem o prestígio de uma administração ou de uma autoridade política, significam o reservatório de forças culturais.

A significação da vida é proporcional à sua valoração eutênico-finalista.

Ter ideal não é ocupar a imaginação de fantasias rendilhadas na falaciosa ternura de perspectivas utópicas, sim, investigar a possibilidade perspectiva dêsses anseios veementes e lutar pela conversão do desejo em realidade alvissareira.

Diante do trabalho honesto e persistente, ouvireis o estridular de vossa consciência agradecida e tranqüila num repetido aldrabar de alma vigorizada.

Retemperados que estais na certeza de uma perfeição inelutável e intransigente, com vossa fé nesse ardoroso en-

corajamento, heis de criar a necessária temperatura de consciência, de dever, de probidade, de trabalho virtuoso e eficaz, do estudo incondicionado, do saber: *Scientia-Cognitio-Labor*.

As produções artísticas magnificentes de expressividade estética tiveram seus criadores, como as melodias e as estátua empolgantes e enternecedoras.

Sêde vós, então, os criadores dessas mentalidades em formação, pois o discípulo vê o mestre como uma personalidade equilibrada e vigorosa, um coração amigo e magnânimo, uma imaginação entusiasta e realizadora, uma alma nobre e justa, um espírito dignamente cultivado, um líder autêntico.

A virtude, como as sementes, exige solo apropriado para sua germinação.

Se tendes em vossas mãos o poder de formar e transformar, seja o vosso exemplo a sementeira da honradez, do caráter, onde germinem consciências inflexíveis, integrais, aptas a delimitarem com segurança e exatidão a periferia inconfundível da dignidade, a manterem intangível o sentido das responsabilidades.

Sejam vossas almas suficientemente translúcidas de beleza moral.

Sejam vossos corações vexilários intrépidos e generosos da verdade!

Vamos dizer aos perdulários do individualismo perfunctório que a virtude ainda é o denominador comum dos graus todos da perfeição.

Sêde felizes!

Recebei a expressão do meu agradecimento sincero, por me terdes erguido à posição de paraninfo, com a lealdade do vosso sufrágio.

Essa dignidade tamanha esmaga minha sensibilidade. Todavia, procurei compreender essa atitude gentil, convencendo-me de que, numa experiência cordial e generosa, qui-

sestes homenagear vossos mestres na pessoa do mais humilde de todos éies, enquanto agistes com tanto acêrto na escolha do vosso patrono, líder autêntico.

Meus amigos, venham as mais promissoras auras do êxito e da felicidade afagar a realização de vossos ideais, abrigados ao coração com diligente ansiedade.

Sejam, quaisquer obstáculos sobrevindos na trajetória de vossa existência, não empecilhos, mas perfeita comprovação de vossa envergadura moral.

Que vosso diploma não represente apenas um título, naquele sentido algo irônico, mas um testemunho inequívoco de vossa autoridade cultural.

Amanhã, quer ao lucilar festivo de vossas esperanças radiosas, quer à claridade suave dos luares de vossa confiança, em tranquilidade cariciosa, quer às tonalidades de doirado vivo dos crepúsculos vespertinos, quando vossos ideais sobejem frondejantes de eficiência criadora, ó jovens mestres, exorvos, mantende fervoroso, intemerato o sentido da fé pelo bem, pela dignidade, pelo amor, pelo espírito, pela caridade, pelo direito, pela justiça, lembrados disto, sobretudo: qualquer que tenha sido vosso estado dalma nas operações vicissitudinárias do combate, o vosso coração, com suas energias mais puras, se encontrava integralmente banhado da luz da Verdade Redentora!